



## CETICISMO, CRITÉRIOS E AUTOCONHECIMENTO: STANLEY CAVELL SOBRE AS CONDIÇÕES DA EXPRESSÃO SUBJETIVA E DO AUTOCONHECIMENTO

RAFAEL FERNANDES MENDES DOS SANTOS<sup>1</sup>

**RESUMO:** Meu objetivo central é investigar temas essenciais à filosofia de Stanley Cavell, sobretudo sua compreensão do ceticismo, o que ele nomeia *ameaça cética*, e o vínculo entre sua prática filosófica e a conquista de autoconhecimento. Dessa forma, em primeiro lugar, apresento sua defesa do ceticismo como um fenômeno natural, em conjunto com a relação entre tal fenômeno e o silenciamento da possibilidade de se exprimir estados subjetivos. Em seguida, procuro esclarecer como Cavell lê a noção wittgensteiniana de critério presente *nas Investigações Filosóficas*, concebendo o ceticismo como repúdio à critérios, motivado por uma visão epistêmica que resulta na demanda por Conhecimento infalível tanto do mundo como das outras mentes. Veremos que, segundo seu argumento, ao cobrarmos o que critérios não poderiam nos dar, isto é, a garantia de que a aparência fenomênica corresponda a existência de um fenômeno, somos ameaçados pelo ceticismo. Ao cair nela, excluimos nossa subjetividade das interações comunicativas no interior das formas de vida. Por final, diante dessa ameaça cética, procuro mostrar como Cavell atribui à filosofia ou à prática de recordar critérios de significação da linguagem ordinária a função de nos tornar consciente de quem somos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ceticismo, Critérios, Subjetividade, Recordações, Autoconhecimento.

**ABSTRACT:** My overall aim is to investigate Stanley Cavell's philosophy, especially his understanding of skepticism, what he calls skeptical threat, and the link between his philosophical practice and the attainment of self-knowledge. Thus, firstly, I present his defense of skepticism as a natural phenomenon, together with the relationship between that phenomenon and the silencing of the possibility of expressing a subjective plight of mind. Then, I try to clarify how Cavell reads the wittgensteinian notion of criteria, present in *Philosophical Investigations*, conceiving skepticism as a kind of repudiation of criteria, motivated by an epistemic vision that results in the demand for infallible Knowledge of both the world and other minds. We will see that, according to his argument, when we demand what criteria could not give us, that is, the guarantee that the phenomenal appearance necessarily corresponds to the existence of a phenomenon, we are threatened by skepticism. And by falling into it, we exclude our subjectivity from communicative interactions within the forms of life. Finally, in the face of this skeptical threat, I try to show how Cavell attributes to philosophy, or to the practice of remembering criteria for the meaning of ordinary language, the function of making us aware of who we are.

**KEYWORDS:** Skepticism, Criteria, Subjectivity, Recollections, Self-knowledge.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche na Temple University College of Liberal Arts (Filadélfia, Pensilvânia). E-mail: rafaelsantos@gmx.net.

Entre os filósofos que exerceram mais influência no pensamento de Stanley Cavell, o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* (1953)<sup>2</sup> ocupa um lugar central. O impacto das IF repercute intensamente nos escritos de Cavell, especialmente na sua concepção de filosofia da linguagem ordinária. Ao repudiar ver a filosofia como um tipo de exercício intelectual voltado a resolver problemas teóricos, Cavell também assume plenamente a natureza pessoal que filosofia das IF reivindica. Segundo ele, as observações de Wittgenstein expressam tentações e ansiedades filosóficas que somente tocam em interlocutores aptos a reconhecer, na persistência do cuidado cotidiano com a própria inteligibilidade, os desafios que elas formulam e questionam. Essa natureza pessoal que se expressa nas vozes das IF, “the voice of temptation”, que é cética e metafísica, e “the voice of correction”, orienta o interlocutor a alcançar uma visão de sua prática cotidiana, a medida que a interação recíproca entre tais vozes constituam atos de confissão (Cf. CAVELL, 1969, p. 71). Nesse sentido, “in confessing you do not explain or justify, but describe how it is with you. And confession, unlike dogma, is not to be believed but tested, and accepted or rejected” (CAVELL, 1969, p. 71).

A filosofia da linguagem ordinária que é concebida a partir da assimilação feita por Cavell da noção wittgensteiniana de critério assume esse tom. Ao lidar com o que chama *ameaça de ceticismo*, e seus possíveis efeitos na capacidade expressiva de estados internos ou psicológicos, Cavell não apela à teorias nem pretende resolver o desafio epistêmico posto pelo cético. Contrariamente, as reivindicações pela inteligibilidade de expressões subjetivas passam por uma retomada consciente do significado ordinário das palavras, através da qual podemos nos exprimir com atenção a valores e à implicações do seu uso em contextos efetivos de conversação, com outros e conosco mesmos.

Nessa atividade elucidativa, lições do Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* são essenciais. O diálogo que constitui a forma da atividade de investigar a gramática dos usos da linguagem, dos critérios de inteligibilidade que se articulam em formas de vida, exemplifica vulnerabilidades inerentes à possibilidade de exprimir de estados subjetivos reconhecíveis. A filosofia entendida como modo de confissão e autoconhecimento visa esclarecer compromissos e responsabilidades impressos em nossa introdução à formas de vida, sugerindo uma visão de quem somos e despertando horizontes de reivindicação do significado, como possibilidade de reivindicar quem desejamos ser. Sendo esse último tema o ponto principal desse artigo.

---

<sup>2</sup> Doravante IF.

## 1. Naturalidade da Ameaça Cética e Eliminação da Subjetividade

Na filosofia de Stanley Cavell a atividade de recordar critérios visa permitir ao sujeito dar voz à sua condição subjetiva [*plight of mind*]. Numa passagem de seus primeiros escritos, onde claramente expõe tais pretensões, ele diz,

proceeding from what is ordinarily said puts a philosopher no closer to ordinary "beliefs" than to the "beliefs" or theses of any opposing philosophy, e. g., skepticism. In all cases his problem is to discover the specific plight of mind and circumstance within which a human being gives voice to his condition. (CAVELL, 1969, p. 240).

Esse ponto de vista sobre a filosofia se segue de sua compreensão sobre a natureza do ceticismo e de suas consequências práticas – reconhecendo-o como ameaça permanente, e insolúvel pela via de uma argumentação anticética. Segundo Cavell, o questionamento cético sinaliza, de um lado, uma pretensão epistêmica de se conhecer o mundo e as outras mentes [pessoas]; e, de outro, revela a própria natureza da linguagem ordinária, de sorte que deve ser visto como uma “natural possibility” (CAVELL, 1979, p. 47).

A compreensão de Cavell sobre ceticismo e subjetividade parte do que ele assume ser essencial à sua filosofia da linguagem ordinária, a saber, que “understanding from inside is methodologically fundamental” (CAVELL, 1969, p. 239). Procedendo desse ponto de vista, ao filósofo da linguagem ordinária restaria “to discover the specific plight of mind and circumstance within with a human being gives voice to his condition” (CAVELL, 1969, p. 240). Por esse caminho metodológico, o caráter irrefutável do ceticismo se estabelece como um caminho de investigação sobre o que Cavell nomeia *voz subjetiva*. O ceticismo, visto como fenômeno inescapavelmente humano, e entendido como parte *natural* da experiência simbólica do indivíduo em seu cotidiano, se qualifica como experiência comum a ser filosoficamente apreciada “from inside”. Respostas anticéticas, como a que identifica o problema do conhecimento à ilusão dos sentidos, ou respostas que procuram resolver o ceticismo de uma vez por todas, constituem reforços à certa condição humana que o cético exprime e que cabe ao filósofo explicitar. Tais respostas, ao tornarem o problema cético uma dificuldade intelectual, transpõem a condição humana que ele expressa em “an intellectual difficulty, a riddle” (CAVELL, 1979, p. 493). Esse diagnóstico tanto adensa a visão de Cavell sobre a naturalidade do ceticismo, quanto calibra suas expectativas em torno de uma prática filosófica que lida com a experiência renitente e cotidiana do ceticismo, a qual ele nomeia de *ameaça cética*.

Ao transpor o ceticismo em um tipo de problema intelectual, por qualquer das vias, seja pela permanência em uma atitude cética ou a partir de reações epistêmicas [fundacionistas], Cavell vê se consumir maneiras de eliminação da própria subjetividade na vida simbólica comum. À diferença do seu oponente, contudo, o cético registra uma condição de nossa finitude

que não poderá ser sequer tocada pela investigação sobre as condições de possibilidade do Conhecimento [por fundamentos]. Tal condição, registrada pelo cético, um retrato do esvaimento da subjetividade como possibilidade natural da experiência humana, é anunciada por ele mesmo como descobrimento de nosso estado epistêmico *real* em relação ao mundo e as outras pessoas – o que Cavell denuncia como “skepticism’s own picture of its accomplishments (CAVELL, 1988, p. 110-1). E como Richard Eldridge indica, uma conquista enganadora, que transmuta a expressão de uma condição humana natural, identificada por ele como “our continuing failure to live out wishes we persist in” (ELDRIDGE, 2001, p. 194), em problema intelectual a ser definitivamente resolvido pela explicitação das condições de possibilidade do Conhecimento. Ao cético, Cavell felicita a oportunidade de nos comunicar parte de nossa condição, a medida que ele faz a denúncia, segundo a qual a relação primordial de nós seres humanos uns com os outros, conosco mesmos e com o mundo não se assenta no Conhecimento – ao menos na extensão significativa do termo que liga ‘Conhecimento’ à infalibilidade epistêmica (Cf. CAVELL, 1979, p. 241). Ao escutar o cético “from inside”, uma das confissões que Cavell vê revelada por ele é a de que não há Conhecimento capaz de garantir à satisfação de expectativas relacionadas à *ilusão de autossuficiência*, com as quais pudéssemos elidir as possibilidades de desvio [do ordinário], afastando o peso da responsabilidade de manter, continuamente, o significado de nossas palavras em *sintonia* com a comunidade. Por essa senda, ele compreende que a fantasia de uma linguagem privada, implícita no desejo de rejeitar a natureza pública da linguagem, consiste em “a fantasy, or fear, either of inexpressiveness, one in which I am not merely unknown, but in which I am powerless to make myself known; or one in which what I express is beyond my control” (CAVELL, 1979, p. 351). Essa fantasia, como sintoma da ilusão de autossuficiência, nos alivia a responsabilidade de nos fazer expressivos – conhecíveis – uns aos outros e a nós mesmos, tornando a expressão da própria subjetividade um falseamento da experiência genuína de si, na promessa de que o conhecimento da própria mente já estaria infalivelmente dado por um acesso privilegiado da primeira pessoa a si mesma.

The wish underlying this fantasy covers a wish that underlies skepticism, a wish for the connection between my claims of knowledge and the objects upon which the claims are to fall to occur without my intervention, apart from my agreements. As the wish stands, it is unappeasable. In the case of my knowing myself, such self-defeat would be doubly exquisite: I must disappear in order that the search for myself be successful (CAVELL, 1976, p. 351-2).

Nutrindo a imagem solipsista de conhecimento dos próprios estados psicológicos, o cético parece descobrir que o acesso imediato à sentimentos, emoções, ou tudo o que se possa chamar de estado interno ou psicológico, consistiria num requisito necessário para chegar ao Conhecimento do que outros sentem. Contudo, ao fazer essa *descoberta*, ele passa a interromper

a justa tentativa de articular expressões de estados psicológicos na linguagem. Em razão da impossibilidade de satisfazer a fantasia por ele mesmo colocada, o cético se vê frustrado por não dispor do Conhecimento *in natura* de estados psicológicos de outras mentes que não, supostamente, a dele mesmo. Por essa via, ele cede ao que Cavell chama de ameaça cética, abraça o solipsismo: sua própria subjetividade sai de cena diante da promessa do conhecimento cristalino implícita na ilusão de autossuficiência, e se retrai pelas consequências dessa demanda – se reprime por conceber impossível a expressão genuína de si mesmo usando as palavras (Cf. CAVELL, 1969, p. 247).

\*

No pensamento de Stanley Cavell, a fortuna expressiva do cético se constitui por fazê-lo considerar tais questionamentos. O que Cavell chama de *verdade do ceticismo* se apresenta no próprio movimento de busca por um Conhecimento cuja necessidade se sente como falta [gap], como condição necessária para interagirmos uns com os outros, conosco mesmos e com o mundo. Especialmente nos dois primeiros casos, ele sugere que a necessidade sentida da falta [de Conhecimento], posta como condição da inteligência mútua que se realiza nas expressões e recepções significativas de estados psicológicos, seria sintoma de um desejo por alienação de si mesmo, caracterizada pela atitude de afastar a responsabilidade pela manutenção [ou pela alteração] da forma de vida que nos constitui a própria subjetividade. Em *The Claim of Reason* (1979), Cavell descreve isso, que chama de *verdade do ceticismo*, como “the sense of gap originates in an attempt, or wish, to escape (to remain a "stranger" to, "alienated" from) those shared forms of life, to give up the responsibility of their maintenance” (CAVELL, 1979, p. 109).

O que Cavell apreende sob a insígnia de *verdade do ceticismo*, bem como o que ele identifica como ameaça cética, são aspectos de nossa prática simbólica cotidiana. Fantasias de autossuficiência, temores de inexpressividade e sentimentos de falta [gap], que sabotam conexões intersubjetivas, se apresentam como sintoma da própria maneira pela qual a linguagem se constitui. Cotidianamente, um momento em que o sujeito pode ceder à reivindicação por *conhecimento infalível* de estados psicológicos, em que a imagem solipsista do conhecimento da própria mente pode ser fixada como conhecimento das mentes em geral, se verifica na ocasião em que “I am thrown back upon myself” (CAVELL, 1979, p. 115). Nas situações em que projetamos a linguagem, as palavras, em meio à falta de garantias de entendimento mútuo – quando, por exemplo, falta orientação e não sabemos continuar uma

série, Eldridge diz, “I am left with the task and responsibility of going on with our criteria” (ELDRIDGE, 2001, p. 196). Tais situações, Cavell distingue dentre as que nos abre os olhos para nossa finitude e separação [ou privacidade legítima] (Cf. CAVELL, 1979, p. 122), nas ocasiões em que o sujeito se depara com sua solitude, sua separação, e questiona a si mesmo se outros fariam o mesmo, se ele é compreensível, se suas atitudes e reações são comunicáveis ou inteligíveis da forma que deseja. Ao investigar exemplos de seguir regras ou “knowing how to continue” pela abordagem dos processos de ensino e aprendizado, que constituem processos de iniciação em formas de vida, Cavell mostra tais momentos de comunicação como situações que explicitam essa separação subjetiva, “in which my power comes to na end in the face of other’s separateness from me” (CAVELL, 1979, p. 122). Desse modo, o que revela a finitude em relação ao próprio significado e a realidade da separação de cada sujeito, o aprendizado da linguagem que torna possível expressar uma dor, saber a continuação da série 1, 2, 3..., identificar uma pintura, uma sentença, uma prova, o que tomamos como algo natural, algo ao qual cedemos e pode nos tomar o controle, revela uma dimensão dos interesses humanos, que está impressa no que é *historicamente* concebido como *natural* (Cf. CAVELL, 1979, p. 122). E a historicidade do que pode ser dito natural demonstra não haver apelo último no próprio processo de manipulação da linguagem no interior das formas de vida, que se ponha como consolo ou garantia do significado.

Ensinar ou relembrar alguém um modo significativo de comunicar seu *plight of mind*, participar da iniciação [em] ou rememorar modos legítimos de usar a linguagem em sintonia com formas de vida, significa forjar a possibilidade de tornar exprimível uma subjetividade. A construção dessa possibilidade estabelece certos limites para a própria reivindicação da legitimidade de expressões subjetivas individuais em uma dada situação. Se somos incapazes de *decidir* sobre o que tomamos como natural, nos resta *descobrir* o que, em *nós*, pode nos guiar naturalmente (Cf. CAVELL, 1979, p. 122-3). A possibilidade dessa descoberta, como Cavell aponta, depende essencialmente desse reconhecimento: *meu* poder sobre *outro* resta somente em meu poder sobre *aquilo mesmo* de que quero convencê-lo – “that is what happens to my power over the pupil; I give it over to the thing I am trying to convey; if I could not, it would not be that thing” (CAVELL, 1979, p. 122). Esse reconhecimento da separação individual, como parte constituinte da possibilidade mesma de descobrir o que [me] é natural, equivale ao reconhecimento da falta [gap] de fundamento epistêmico para os usos significativos da linguagem. No limite, esse reconhecimento da privacidade legítima de cada um consiste numa condição para atribuir ao indivíduo o elemento da responsabilidade pela manutenção ou

alteração da forma pela qual se usa a linguagem significativamente. Isso inclui o outro lado da moeda – no fim das contas, se a atitude inteligível de cada um ocorre em vista do que lhes parece natural, a possibilidade de rejeitar isso que lhes parece natural deve ser uma consequência desse ponto de vista. O que constitui parte da naturalidade e irrefutabilidade do ceticismo parece ser a falta de fundamento epistêmico aliada ao reconhecimento de que o indivíduo é responsável pela manutenção do significado ou por reivindicar alterações nas formas legítimas de comunicação simbólica. Nos termos de Stanley Cavell, usar a linguagem inteligivelmente, de sorte que *meus* usos possam ser compreensíveis à uma quantidade suficiente de usuários com os quais compartilho uma forma de vida, só é possível se *eu* contar, i. e., se consigo me expressar como sujeito no interior da herança linguística de onde parto para continuar usando as palavras significativamente (Cf. CAVELL, 1988, p. 127).

A condição humana que Cavell lê a partir de questionamentos céticos expressa esse pêndulo entre reconhecimento mútuo e anulação subjetiva. A refutação do ceticismo, seja pela via da fantasia de autossuficiência, com a qual o sujeito se elimina ao tempo em que se reconhece como autoridade epistêmica final de seus estados psicológicos, ou pela via de uma submissão à comunidade, retira do horizonte a possibilidade de se articular objetivamente a subjetividade, que requer, antes de tudo, reconhecimento e aceitação dos riscos próprios à articulação da inteligibilidade no ambiente público da linguagem (Cf. CAVELL, 1979, p. 351-2).

## 2. Estatuto Epistêmico da Noção wittgensteiniana de Critério

A noção de critério que é central ao pensamento de Cavell deriva de sua leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. E como ele mesmo aponta no início de *The Claim of Reason*, “the fate of criteria, or their limitation, reveals... the truth of skepticism” (CAVELL, 1979, 7). Já o ceticismo ele mesmo consiste no repúdio aos critérios. Mas o que significa isso? A fim de entender o significado do repúdio à critérios será preciso considerar sua natureza e a forma como Cavell a compreende e assimila.

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein realiza uma investigação gramatical sobre critérios; quando, na presença de confusões filosóficas, ele nos convida a *recordar* os usos da linguagem em conexão às condições de possibilidade dos fenômenos.

We feel as if we had to *penetrate* phenomena: our investigation, however, is directed not towards phenomena, but, as one might say, towards the “*possibilities*” of phenomena. We remind ourselves, that is to say, of the kind of statement that we make about phenomena. . . Our investigation is therefore a grammatical one. [WITTGENSTEIN, PI (2009), §90]

De acordo com Cavell, os usos da noção de critério feitos por Wittgenstein, além da própria natureza de suas investigações gramaticais sobre as condições de possibilidade dos fenômenos, consiste em uma forma de reagir ao que ele identifica como ameaça de ceticismo. Dessa forma, corretamente compreendida, a noção wittgensteiniana de critério poderá nos instruir sobre nossa relação primordial com o mundo e com as outras pessoas – prevenindo-nos contra a ideia, segundo a qual, tais relações são regidas por uma visão epistêmica, como pretendeu demonstrar Descartes através de suas meditações sobre os fundamentos do conhecimento. Seguindo Wittgenstein, Cavell nos previne contra a busca incessante por conhecimento infalível [fundamentado], como reação ao reconhecimento da natureza não fundada de nossos acordos, que pode ser sentido como uma tipo de *falta*. Refletindo sobre a natureza filosófica dos critérios, Cavell observa,

criteria are ‘criteria for something’s being so’, not in the sense that they tell us of a thing’s existence, but of something like its identity, not of its *being* so, but of its being *so*. Criteria do not determine the certainty of statements, but the application of the concepts employed in the statements” (CAVELL, 1979, p. 45).

Para Cavell, o apelo de Wittgenstein à critérios não deve ser lido como tentativa de refutar o ceticismo, mas de mostrá-lo como ameaça natural e permanente. Ao invés de concluir que não podemos conhecer [infalivelmente] o mundo ou as outras mentes, a voz cética presente nas *Investigações Filosóficas* procura expressar que “our relation to the world as a whole, or to others in general, is not one of knowing, where knowing construes itself as being certain. So it is also true that we do not *fail* to know such things” (CAVELL, 1979, p. 45). O que Cavell compreende como ameaça cética passa pelo reconhecimento de que o cético não está nos revelando um problema epistêmico. Se o que ele põe em dúvida consiste naquilo mesmo que não se pode falhar em conhecer, seu questionamento deve coloca em dúvida algo mais que a legitimidade de seu acesso epistêmico à objetos genéricos como ‘o mundo’ ou as ‘outras mentes’. De fato, o cético está questionando a efetividade dos critérios que orientam nossa inteligibilidade mútua, os riscos constantes à nossa *sintonia* mútua. Nesse sentido, Cavell questiona: “what is disappointing about criteria? There is something they do not do; it can seem the essential.” (CAVELL, 1979, p. 83). À luz desse questionamento, o *essencial* à noção de critério se manifesta em vista do desafio que o cético coloca à possibilidade de conhecer o mundo e as outras mentes [em geral] – e sob a perspectiva da possibilidade de se oferecer uma *resposta definitiva* a esse desafio. Uma resposta a esse questionamento requer que se saiba pra que [critérios] servem, aceitá-los e usá-los (Cf. CAVELL, 1979, p. 83).

Dado que o apelo à critérios deve sobretudo ocorrer face a dúvidas céticas, e em oposição a conclusão cética segundo a qual não conhecemos [infalivelmente] o mundo e as



outras mentes, tal apelo só teria a prerrogativa de silenciar o cético caso proporcionasse as bases epistêmicas [fundamentos] que ele reivindica. Essa a interpretação de Norman Malcolm e Roger Albritton, segundo os quais o propósito do apelo à critérios realizados por Wittgenstein seria o de estabelecer fundamentos para a afirmação da existência de um fenômeno, de modo que a presença de um critério para X [um fenômeno, a exemplo da dor], forneceria certeza suficiente para se asseverar sua ocorrência (Cf. MALCOLM, 1963, p. 113-4). Com efeito, segundo essa visão, tomando o exemplo da dor, alguém que exhibe a presença de critérios para dor – manifestando comportamentos de dor – deve ser visto como alguém que sente dor *necessariamente*. Cavell se opõe a essa leitura. Segundo ele a presença de critérios não constitui evidência suficiente para se afirmar que um fenômeno ocorre necessariamente. Em particular, critérios de dor não constituiriam evidência suficiente para afirmar, com necessidade, que alguém sente dor, já que sua aplicação não poderá excluir contextos de *fingimento*. Essas leituras se distinguem essencialmente, repercutindo no tipo de uso que noção wittgensteiniana de critério aceita diante do desafio posto pelo cético. De um lado, Malcolm argumenta que a noção wittgensteiniana de critério poderia ser usada como meio de produzir juízos necessários. Distinguindo entre *aparência de satisfação* e *satisfação* de critérios, poderíamos então separar casos em que critérios *parecem* ser aplicados e casos onde, *de fato*, são aplicados. Onde há satisfação de critérios, pode-se afirmar, com necessidade, a existência do fenômeno. Logo, segundo esse ponto de vista, contextos de fingimento ou semelhantes excluiriam a presença de critérios (Cf. MALCOLM, 1963, p. 114-6).

Do ponto de vista cavelliano, contextos onde não há satisfação de critérios diferem *essencialmente* dos que Malcolm toma exemplarmente. Imaginemos com Cavell o caso de alguém manifestando [expressando] dor na cadeira do dentista, “wringing his hands, perspiring, screaming” (CAVELL, 1979, p. 89). Imediatamente, o dentista interrompe o procedimento e começa a preparar uma seringa de analgésico: quando o paciente diz “it wasn't hurting, I was just calling my hamsters... And when the door is opened two hamsters trot into the room and climb onto the patient's lap. So we have more than his word for it” (CAVELL, 1979, 89). Nesse exemplo, Cavell aponta para uma distância irreduzível entre aplicação de critérios e afirmações de existência – sobretudo ao imaginar essa pessoa chamando, *consistentemente*, seus hamsters com o que para nós consiste em aplicações de critérios de dor. Situações assim separam mundos, de quem vê tais critérios – gemidos, gritos, e etc. – como expressão de dor, e de quem os vê como modos de chamar animais [hamsters], explicitando distinções essenciais na forma dos acordos [em juízos] que constituem critérios de inteligibilidade para cada um. Em vista

disso, o que sugere essa dificuldade de entendimento mútuo ou essa distinção na aplicação de critérios? Uma sugestão, apontada por Espen Hammer, consiste em saber se, dada essa distinção, se poderíamos ainda respondê-lo como pessoa ou, igualmente, tratá-lo como sujeito (Cf. HAMMER, 2002, p. 40).

As leituras de Malcolm-Albritton e Cavell se distinguem pelo que cada um deles toma como uso possível da noção de critério. A aplicação de critérios, segundo o ponto de vista do primeiro, vai depender de circunstâncias [corretas] que associem essa aplicação à existência de um fenômeno [*sem resto de dúvidas*]. Segundo Malcolm, critérios devem prover *certeza* a existência de fenômenos. Tomando o exemplo da dor, ao operar uma exclusão das circunstâncias de fingimento, encenação ou semelhantes, a presença de comportamentos de dor demonstram a presença do fenômeno da dor. Pelo lado de Cavell, perceber um *grito* como comportamento de dor, significa que as circunstâncias nas quais gritos são comportamentos de dor já devem ser levadas em conta. Sobre esse ponto o comentário de Espen Hammer esclarece que,

there is in such a situation no room for asking whether the *right* circumstances have occurred and therefore whether the criteria really are satisfied: knowing what the criteria of pain are is to know what counts as pain. If the criteria are present, then so is pain-behavior, the expression of pain (HAMMER, 2002, p. 41)

O ponto é que a presença de critérios não tem força para garantir a existência de um fenômeno, já que contextos de fingimento, encenação ou semelhantes consistem em instâncias de aplicações de critérios. Tomando mais uma vez o exemplo da dor, Cavell compreende que a possibilidade de fingir ou simular uma dor depende da presença de critérios, de modo que só assim se pode reconhecer gritos como comportamentos de dor – mesmo fingidos ou simulados. Conseqüentemente, ele não vê a presença de critérios como veiculador de certeza às afirmações epistêmicas sobre a existência do fenômeno. Essa noção não possuiria um uso epistêmico capaz de se contrapor a voz cética que visa conhecimento infalível do mundo e das outras mentes. De outro modo, operando em afirmações verdadeiras ou falsas, critérios figuram como condição de inteligibilidade *mútua* sobre o que o mundo é para nós e sobre quem somos, fornecendo-nos condições para reconhecer a identidade dos fenômenos, mas sem afirmar sua existência. Eles tornam possível para nós a identificação de fenômenos, isto é, “not of its *being* so, but of its *being so*” (CAVELL, 1979, p. 45). Seu uso não estabelece garantias que há, de fato, um fenômeno associado a uma aparência fenomênica [linguístico-expressiva], mas pode garantir usos inteligíveis da linguagem em nossos intercâmbios descritivos sobre estados de coisas ou expressivos de estados psicológicos. Essa leitura da noção wittgensteiniana de critério possui amplas conseqüências para o significado disso que Cavell chama *ameaça cética*. Visto que a

presença de critérios não implica a existência de um fenômeno, e dado que critérios estão associados à acordos em juízos no interior das formas de vida, o que ele chama de ameaça cética deve corresponder à constante possibilidade de repúdio aos critérios que articulam nossa sintonia mútua, na condição de algo natural e inerente a própria linguagem.

If the fact that we share, or have established, criteria is the condition under which we can think and communicate in language, then skepticism is a *natural* possibility of that condition; it reveals most perfectly the standing threat to thought and communication, that they are only human, nothing more than natural to us (CAVELL, 1979, p. 47).

Condição do próprio aprendizado da linguagem, da própria iniciação em formas de vida, esse reconhecimento da possibilidade de repúdio a critérios envolve o próprio reconhecimento do outro como membro de uma comunidade humana, atribuindo-lhe voz e capacidade expressiva. Nesse sentido, o elemento da responsabilidade pela manutenção do significado figura essencial ao cuidado de nossa sintonia mútua, mas deve implicar, por outro lado, a possibilidade subjetiva de se excluir das obrigações e compromissos que a compreensão mútua requer. Se a nossa relação com o mundo e com os outros não se *baseia* no conhecimento – construído como conhecimento infalível (Cf. CAVELL, 1979, p. 42) –, essa falibilidade epistêmica de nossas interações abre caminho para pensarmos as implicações de nossa sintonia, que se articulam pela noção wittgensteiniana de critério. A compreensão de Cavell sobre a irrefutabilidade do ceticismo, muito antes de figurar como um problema de conhecimento, diz respeito ao modo como concordamos ou não na linguagem, bem como ao exercício de prerrogativas individuais que devem ser vistas como condição de expressividade do sujeito na vida ordinária da linguagem.

### 3. Autoconhecimento e Subjetividade: Rememorando Critérios

O principal argumento de Cavell sobre a possibilidade de autoconhecimento se opõe a própria visão cartesiana sobre o sujeito, especialmente a ideia de acesso privilegiado à conteúdos mentais na primeira pessoa. Em contraponto a essa visão, Cavell compreende que o uso significativo das palavras já porta a semente do autoconhecimento, a medida que uma situação comunicativa deva pressupor que a primeira e a terceira pessoas se reconheçam como membros de uma comunidade, um *nós*, que precisa compartilhar grande parte de seus juízos pessoais. Tendo em vista que essa capacidade comunicativa depende tanto do nosso entendimento sobre o que desejamos significar com as palavras, bem como o que, de fato, significamos ao projetá-las. Além de agirmos na condição de indivíduos desejosos por nos comunicar [estados subjetivos], devemos agir, sobretudo, na condição de sujeitos

representativos do comum [ordinário], de modo que a expressão de estados psicológicos e a possibilidade de reconhecimento deles deva recair sobre a responsabilidade individual pelo significado do que *nós dizemos*.

O problema filosófico relacionado à natureza flexível e sistemática da linguagem diz respeito a como significamos o que dizemos. Como isso se liga à construção de um espaço significativo, no qual o uso da linguagem poderá ele mesmo constituir uma forma de autoconhecimento? Cavell procura trabalhar esse questionamento ao abordar a natureza flexível da linguagem, tematizando o problema da projetibilidade das palavras e o elemento da responsabilidade individual pela produção de novos significados. Nesse sentido, ele argumenta que a capacidade significativa de novas projeções, como “feed the meter”, “surf the web”, “phone dies” (CAVELL, 1979, p. 181), depende do assentimento comunitário. Tais projeções poderão ser bem sucedidas somente se formos capazes de usar a linguagem de modo a reivindicar o reconhecimento comum sobre o que é significado com o que se diz. Expandindo essa ideia, Andrew Norris salienta,

the speaker’s break with common practice will be such as to violate the logic of the language, as in the example of the person insisting that he “*just wants to know what’s on your mind*” when he asks if you want to use his scooter...In such cases, the speaker is at odds with nothing more—and nothing less—than *himself*. (NORRIS, 2017, p. 38)

Nas situações em que há ruptura com a prática significativa ordinária, quando a projeção de palavras se torna reivindicadora de significados novos, Stanley Cavell vê o filósofo como quem deve se ocupar da tarefa de recordar critérios gramaticais, com os quais ele possa reivindicar à comunidade o significado do que é dito ordinariamente. Segundo Cavell, tais recordações, que ele cifra na fórmula genérica “what to say when” – no qual procura adensar a relevância do contexto pragmático no significado – devem consistir em modos de autoconhecimento. Como ele mesmo aponta,

if it is accepted that “a language” (a natural language) is what the native speakers of a language speak and that speaking a language is a matter of practical mastery, then such questions as “What should we say if ...?” or “In what circumstances would we call ...?” asked of someone who has mastered that language (for example, oneself) is a request for the person to say something about himself, describe what he does. So the different methods are methods for acquiring self-knowledge (CAVELL, 1969, p. 66).

Na condição de recordações do que devemos dizer, restaria, portanto, ao filósofo da linguagem ordinária, recordar-nos apenas *o que já sabemos*, ou mais exatamente, aquilo que “we cannot fail to know” (CAVELL, 1979, p. 45). Ou seja, cabe a ele nos recordar aplicações de critérios internos à nossa forma de vida, que nos permitem agir inteligivelmente diante de outros, e de nós mesmos. À vista disso, Cavell identifica a prática da filosofia [da linguagem ordinária] como essencialmente relacionada à quando “you need a clear view of what you

already know. When you need to do philosophy” (CAVELL, 1969, 21). Pois se aquilo que sabemos deve corresponder ao significado ordinário da linguagem, ao que recebemos de herança quando somos introduzidos em uma forma de vida, a tarefa de rememoração inerente à filosofia deve nos orientar a recuperar isso mesmo que fora perdido ou resta *inconsciente* – isto é, uma visão clara de nossa prática. Dessa forma, o propósito de apelar a critérios consiste em nos [re]orientar, ““when we don’t know our way about’, when we are lost with respect to our words and the world they anticipate” (CAVELL, 1979, 34). De acordo com Cavell, essa prática envolve três passos:

these investigations seem to describe three main steps: (1) We find ourselves wanting to know something about a phenomenon, e.g., pain, expecting, knowledge, understanding, being of an opinion.... (2) We remind ourselves of the kinds of statement we make about it. (3) We ask ourselves what criteria we have for (what we go on in) saying what we say (CAVELL, 1979, p. 29).

Começamos a nos *encontrar* explicitando critérios sobre os quais nossos acordos restam. Assim, apelar à critérios wittgensteinianos, ou o próprio apelo de Wittgenstein à critérios em suas *Investigações Filosóficas*, seria um modo de trazer à consciência a extensão dos acordos em julgamentos, i.e, dos critérios que articulam o significado de nossas palavras e aos quais recorreremos para nos expressar (Cf. CAVELL, 1979, p. 31). Se concordamos em formas de vida, se fomos iniciados em práticas que nos tornaram mutuamente inteligíveis, há acordos em julgamentos (Cf. WITGENSTEIN, PI, §241, §242).

Longe de uma visão contratualista dessa noção de acordo, para Cavell, se há acordo em nossos juízos e formas de vida, isso significa que estamos “in agreement throughout, being in harmony, like pitches or tones, or clocks, or weighing scales, or columns of figures” (CAVELL, 1979, p. 32). Se um grupo de humanos compartilham a mesma linguagem, isso significa que, “so to speak, that they are mutually voiced with respect to it, mutually *attuned* top to bottom” (CAVELL, 1979, p. 32). A noção de *sintonia* empregada por Cavell, podendo ser lida como uma alternativa de análise em resposta à concepção causal do significado, procura resolver a ânsia por explicações ou fundamentos que nutre a ameaça de ceticismo. Ao falar em sintonia, Cavell chama atenção a que “nothing is deeper than the fact, or the extent, of agreement itself” (CAVELL, 1979, p. 32). Consequentemente, quem desejar conhecer a própria mente [a si mesmo], sua relação consigo mesma e com as outras mentes [com outras pessoas], deverá prestar atenção ao que, embora perdido, esquecido ou inconsciente, nos é antigo e familiar – o que dizemos e fazemos, a fim de trazer “to light the consequences of our old agreements” (CAVELL, 1979, p. 32).

A experiência de autoconhecimento que a filosofia de Cavell sugere consiste no próprio labor que o filósofo da linguagem ordinária, de posse da noção wittgensteiniana de critério,

poderá levar adiante. Assim dizendo, uma prática de autoconhecimento guiada pela recordação de critérios, vigilante acerca das limitações epistêmicas que emergem da natureza flexível das projeções simbólicas, e capaz de tornar consciente nossos acordos em julgamentos e formas de vida, com vistas ao esclarecimento de compromissos e responsabilidades sobre o significado, com a finalidade de nos tornar conscientes de quem somos. À luz de questionamentos filosóficos que ativam essa atividade de olhar a prática e explicitar critérios de uso da linguagem assentidos intersubjetivamente, a filosofia de Cavell sugere praticar essa espécie de autoconhecimento, com a qual se pretenda refutar o ceticismo ou resolver a possibilidade de nos perdermos em meio à projeção da linguagem. Pelo contrário, essa sugestão deve admitir que a falibilidade de nossos juízos, a finitude e provisoriedade do significado de projeções de palavras, são constitutivas da própria práxis de rememoração de critérios como guia de orientação e autoconhecimento. A tarefa de autoconhecimento que a filosofia poderá realizar se perfaz no tecido mesmo da vida ordinária, à medida em que o ordinário, como diz Cavell, se revele como zona de autorreconhecimento, no qual possamos retornar ao lugar de onde nunca estivemos. À luz de uma formulação posterior dessa ideia, ele diz da filosofia como uma atividade que nos propicia um retorno “to the ordinary, a place we have never been.” (CAVELL, 2006, p. 9-10). Esse olhar de Cavell sobre o que ele entende ser tarefa da filosofia se ajusta a essa noção de falha no reconhecimento como “a “failure to acknowledge “is the presence of something, a confusion, an indifference, a callousness, an exhaustion, a coldness (CAVELL, 1969, p. 264).

Esse insight dá contornos próprios a uma concepção de filosofia que só se realiza quando o apelo pelo reconhecimento da própria condição subjetiva se torne um modo de trazer à consciência o lugar desse sujeito perdido em meio à trama de conceitos [psicológicos] que ele só poderá expressar como membro de uma comunidade de falantes. Se valendo desse insight Cavell esclarece como a filosofia pode [re]introduzir o indivíduo como sujeito da experiência ordinária. Um sujeito que fora alienado ou reprimido pela própria imagem de autossuficiência, que tomou a si como figura de transcendência [solipsista, apegado à ideia de conhecimento cristalino da própria subjetividade] e se desconectou da prática significativa, ou seja, saiu de cena. Para alguém assim, rememorar critérios e apelar a comunidade significa dar lugar a possibilidade de *retornar ao lugar onde nunca se esteve*, isto é, de reconhecer os compromissos com o significado que restam inconscientes em seu intercâmbio diário com a linguagem. Nesse rumo, uma chave interpretativa que considero essencialmente fiel à filosofia de Stanley Cavell se encontra nas páginas do comentário de Andrew Norris, *Becoming who we are* (2017), onde

essa ideia de retorno ao ordinário pela retomada consciente dos compromissos assumidos [inconscientemente] na linguagem, se alia a uma noção de autoconhecimento como a tarefa interminável de ser capaz de significar o que é dito (Cf. NORRIS, 2017, p. 41-3). Essa uma concepção que implica a ideia de busca por interações intersubjetivas entre sujeitos que desejam significar o que dizem. Essa uma condição da tarefa filosófica de rememorar critérios, sob a forma de reivindicações à comunidade, com a finalidade de descobrir implicações irrefletidas e compromissos esquecidos, mas que operam no nível das condições de inteligibilidade dos usos expressivos da linguagem.

Como Cavell salienta, se a prática de entender “from inside” é essencial à filosofia da linguagem ordinária, tomar-se a si mesmo na condição de autoridade dos próprios usos da linguagem significa igualmente reconhecer a autoridade do outro. Só posso ser fonte de legitimidade do significado se considerar o outro fonte da autoridade do significado, de modo que cada um de nós possa individualmente reivindicar a legitimidade do que nós dizemos em nosso intercâmbio significativo. Caso não reconheça o outro como fonte do significado, não poderia reconhecer a mim mesmo em tal condição, ao menos em bases outras que não solipsistas. Nessa medida, a possibilidade de tornar efetiva essa prática filosófica como busca por autoconhecimento depende ainda do esforço de conceber interlocuções embebidas por tal propósito. Onde o apelo por racionalidade se caracterize como esforço por significar o que se diz, e que esse apelo possa então ser assentido na condição de recuperação de um novo ordinário, cujos compromissos e responsabilidades envolvidos na significação restam, em algum grau, esclarecidos. Por onde a prática da filosofia passa a operar na exposição dos conflitos “between the commitments we enact in our ordinary speech and our awareness of them” (NORRIS, 2017, p. 42).

Tal maneira de enxergar a integridade requerida pela persecução dessa tarefa de se autoconhecer, Cavell a comunica com as seguintes palavras:

[w]hat I require is a convening of my culture’s criteria, in order to confront them with my words and life as I pursue them and as I may imagine them; and at the same time to confront my words and life as I pursue them with the life my culture’s words may imagine for me: to confront the culture with itself, along the lines in which it meets in me. This seems to me a task that warrants the name of philosophy. (CAVELL, 1979, p. 125)

Significar cada palavra que se diz, como fim desejado dessa tarefa de explicitar critérios, além de ser uma tarefa que precisa contar com outros que reconheçam e, no mesmo espírito, legitimem o significado do que é dito, caracteriza-se como uma forma de autoconhecimento que se acautela diante da *ameaça de ceticismo*. Esforçar-se para dotar de significado cada

palavra dita como meio de autoconhecer-se consiste em uma busca pela superação da própria obscuridade, que vise uma vida distinta da que presentemente se vive.

Se o que já sabemos pode nos orientar na construção de novos significados, mas sem garantir a inteligibilidade do que nos arriscamos a dizer, a recuperação disso que se tornou esquecido, inconsciente ou reprimido, do legado de nossa cultura embutido no significado do que dizemos, precisa então ser retomado ativamente como conquista da própria consciência no presente. O acautelamento contra a ameaça cética diz respeito à própria inextinguibilidade da tarefa, que sempre remeterá à novas projeções de critérios e novas reivindicações à comunidade – nesse caso, uma comunidade que se constitua por uma sintonia de busca por autoconhecimento. E que se constitua sob a necessidade de indivíduos disponíveis a um tipo de *conversão*, “a turning away from a life that is not (yet) one’s own (NORRIS, 2017, p. 43). Nesse sentido, a filosofia da linguagem ordinária, como uma espécie de educação para adultos, nos indaga por mudança [conversão], posto que “conversion is a turning of our natural reactions; so it is symbolized as rebirth (CAVELL, 1979, p. 125). Essa transformação em nossas reações naturais não se confunde com o nascimento de novas crenças, “belief is not enough. Either the suggestion penetrates past assessment and becomes part of the sensibility for which assessment proceeds, or it is philosophically useless” (CAVELL, 1969, p. 71). Mas pode se processar como uma espécie de transformação que torna o indivíduo capaz de significar suas palavras, de posse das implicações e valores que elas refletem, mas ciente de que novos significados, implicações e valores precisarão ser refletidos e novamente explicitados em critérios de uso das palavras.

## Conclusão

A leitura que Cavell faz das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, em particular sua compreensão da noção de critério, marca sobremaneira a natureza e as expectativas em torno da sua filosofia. Ele concebe que a atividade de recordar critérios, como resposta a crises nos acordos em juízos, ou interrupção na *sintonia* [attunement] entre sujeitos que compartilham a mesma linguagem, visa o esclarecimento da extensão e dos limites da possibilidade do reconhecimento mútuo (Cf. CAVELL, 1979, p. 34). Atividade que explicita compromissos e responsabilidades assumidos no uso inteligível da linguagem cotidiana, trazendo-os à reflexão consciente. Assim, considerando o exemplo da dor, quando se reconhece à presença de critérios de dor, não se identifica apenas o fenômeno da dor, mas se reconhece e se age em vista de compromissos e responsabilidades inerentes à valores e atitudes legados por formas de vida. Essa atitude de reconhecimento consiste em uma manutenção da responsabilidade com o



significado, um compromisso com uma forma de vida que habilita o indivíduo a expressar seus estados psicológicos ou melhor dizendo, seu *plight of mind*.

Cavell se opõe a uma leitura das *Investigações Filosóficas* que concebe essa práxis de recordar de critérios como um tipo de refutação do ceticismo. De acordo com ela, Wittgenstein, ao recordar critérios de uso inteligível da linguagem, estaria explicitando regras *a priori* da linguagem que membros de uma forma de vida teriam de aderir. De posse delas, se poderia então refutar definitivamente dúvidas céticas sobre a existência dos fenômenos em geral. Dessa forma, a investigação gramatical sobre critérios de dor confirmaria que, explicitados os critérios de identificação desse fenômeno, estariam também explicitadas regras que garantiriam a existência do fenômeno da dor na aparência fenomênica do comportamento de quem sente dor. Contrária a essa leitura, Cavell argumenta que a práxis de recordar critérios não visa refutar o ceticismo. Sendo “somente” capaz de iluminar a própria dificuldade apresentada pelo cético, de modo que seu desafio seja visto como um questionamento da própria visão epistêmica em relação ao mundo e as outras mentes.

De um ponto de vista cavelliano, a noção de critério tem a função de estabelecer as condições de identificação dos fenômenos. Com efeito, o fenômeno da dor, seja real, fingido ou encenado, pode apenas ser identificado como dor se critérios que associam certos comportamentos à aplicação dos critérios de dor [projeção da palavra ‘dor’] sejam reconhecidos. A função filosófica dessa noção não é a de garantir que uma dor exista, mas de reconhecer as condições do significado de ‘dor’, que devem incluir a possibilidade de engano, já que o significado das palavras e a tomada de atitude em relação às suas aplicações não se associam ao estabelecimento de garantias epistêmicas que deem conta, em definitivo, do problema colocado pelo cético. Para Cavell, o cético apresenta um desafio que está fundamentalmente relacionado às condições de inteligibilidade dos sujeitos.

A defesa da prática de rememorar critérios como forma de autoconhecimento adentra pelo significado do que Cavell chama *ameaça cética*, ou pelo reconhecimento de não haver instância garantidora da significação, que há práticas anteriores às especulações epistemológicas que constituem uma *sintonia* [attunement] necessária ao uso inteligível das palavras e a identificação dos fenômenos ordinários. O significado do que se diz, derivando do reconhecimento mútuo entre participantes de uma interlocução, internas à formas de vida, passa então a depender do assentimento sobre o que se diz. No caso de comunicações sobre estados psicológicos ou subjetivos, em que se deseje exprimir algo reconhecível ou dar voz a uma experiência subjetiva disponível à comunidade, torna-se necessário assentir aos critérios

comuns da linguagem. Quando há uma distância entre o que se diz e o que é significado, de modo que a inteligibilidade dessas comunicações seja colocada, recordar critérios se torna um meio de trazer à consciência o que as palavras significam e o que com elas se quer significar. Como Norris descreve,

self-knowledge—truly being a self—requires a vigilant effort that most of us would rather forgo, and that we feel is not rightly demanded of us. Because we can *say* what we want, we think we can *mean* what we want with the words we utter; that our language does not so much structure the occasions and expressions of our will, as serve it (NORRIS, 2017, p. 125)

A filosofia de Stanley Cavell deixa lições que nos exortam a encontrar em formas expressivas inerentes à cultura o significado do que *nós* dizemos, a forma pela qual podemos expressar nossa subjetividade e subverter maneiras fixadas de expressão que já não vão além de sons ou grafias. Nesse sentido, em linhas gerais, o conhecimento de si corresponde à um tipo de confronto com o legado das formas de vida, que nos dá a ocasião de testar exprimir desejos nas tramas significativas que se encontram disponíveis na linguagem. A recordação de critérios concebida como uma forma de autoconhecimento visa esse teste, esclarecendo compromissos que constituem a inteligibilidade e harmonia das nossas interlocuções – os valores e as implicações do que dizemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVELL, Stanley. “The Availability of Wittgenstein’s Later Philosophy.” In *Must We Mean What We Say?* Cambridge: Cambridge University Press, 1969, 44–72.

———. “Being Odd, Getting Even.” In *In Quest of the Ordinary*. Chicago: University of Chicago Press, 1988, 105–29.

———. *The Claim of Reason: Wittgenstein, Skepticism, Morality, and Tragedy*. New York: Oxford, 1979

———. “Knowing and Acknowledging.” In *Must We Mean What We Say?* Cambridge: Cambridge University Press, 1969, 238–66.

———. “Must We Mean What We Say?” In *Must We Mean What We Say?* Cambridge: Cambridge University Press, 1969, 1–43.

———. “Something Out of the Ordinary.” In *Philosophy the Day after Tomorrow*. Cambridge, MA: Belknap, 2005, 7–27.

ELDRIDGE, Richard. “The Normal and the Normative: Wittgenstein’s Legacy, Kripke, and Cavell.” *Philosophy and Phenomenological Research* XLVI, no. 4 (June 1986): 555–75.

———. *Stanley Cavell*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

———. “*A Continuing Task*”: *Cavell and the Truth of Skepticism*. In *The Persistence of Romanticism Essays in Philosophy and Literature*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001, 189–204.

HAMMER, Espen. *Stanley Cavell: Skepticism, Subjectivity, and the Ordinary*. Malden, MA: Polity, 2002.

NORRIS, Andrew. *On Becoming Who We Are Politics and Practical Philosophy in the Work of Stanley Cavell*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MALCOLM, Norman. *Problems of Mind: Descartes to Wittgenstein*. New York: Harper, 1971.

———. “The Verification Argument.” In *Knowledge and Certainty: Essays and Lectures*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1963, 1–57.

———. “Wittgenstein’s *Philosophical Investigations*.” In *Knowledge and Certainty: Essays and Lectures*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1963, 96–129.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe. New York: Macmillan, 1958.